ISSN: 2358-8829

TRAJETÓRIAS ESCOLARES DE ESTUDANTES COM AUTISMO NA EJA: DESAFIOS DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA NA GARANTIA DO DIREITO À PERMANÊNCIA

Sayonara Accioly Silva Castellucci [1]
Patrícia Carla da Hora Correia[2]

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, as políticas educacionais brasileiras têm avançado no reconhecimento do direito à educação inclusiva. Documentos legais e normativos passaram a afirmar o acesso de estudantes com deficiência às escolas regulares, reforçando a perspectiva de um sistema educacional inclusivo. Nesse contexto, destaca-se a Lei Brasileira de Inclusão (LBI) e a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (PNEEPEI), que reafirmam a educação como direito de todos e defendem a participação plena de estudantes com deficiência nos diferentes níveis e modalidades de ensino.

Entretanto, quando se observa a trajetória escolar de jovens e adultos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), percebe-se que o direito à matrícula nem sempre se traduz em condições efetivas de permanência e aprendizagem. Na modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA), esse desafio torna-se ainda mais evidente, uma vez que muitos estudantes não chegam a essa etapa, após experiências anteriores marcadas por fracasso escolar, interrupções e processos de exclusão.

Diante desse cenário, esta pesquisa teve como finalidade promover uma discussão da Educação de Jovens e Adultos a partir das histórias de vida de estudantes com autismo, suporte nível 3, que demandam um suporte muito substancial, constituindo-se um grande desafio das políticas educacionais inclusivas no que se refere à garantia do direito à permanência escolar na –referida modalidade de ensino.

[1] Mestra em Educação de Jovens e Adultos pelo Programa de Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos (MPEJA) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Professora da Rede Estadual de Ensino da Bahia, saccioly@email.com.

[2] Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora Adjunta da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), phora@uneb.br.

Portanto, este trabalho teve como objetivo geral compreender a trajetória escolar de jovens e adultos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) que participam da Associação TEAceito – Casa dos Autistas no Município de Cruz das Almas-BA, situada na região do Recôncavo.

A estrutura metodológica deste estudo adotou uma abordagem qualitativa e o método de história de vida. Para a coleta de informações, foram utilizadas as técnicas de entrevistas gravadas e o diário de campo para notas das observações, ocorrendo, posteriormente, a transcrição e análise das falas. Os sujeitos desta investigação foram 3 adultos diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista (TEA), suporte nível 3, que frequentam a Associação. A análise de dados baseou-se na triangulação entre três dimensões complementares: o relato do participante, o aporte teórico e a interpretação da pesquisadora. Essa estratégia metodológica buscou garantir consistência e profundidade interpretativa, articulando diferentes perspectivas sobre o mesmo fenômeno.

A primeira dimensão é representada pela mãe dos adultos com autismo, cujo relato constituiu o eixo empírico central. Suas falas expressam sentidos, memórias e experiências que revelam os percursos vividos nas relações familiares e escolares, compondo a base de dados da pesquisa. A segunda dimensão refere-se ao aporte teórico, sustentado principalmente em Pierre Bourdieu e Paulo Freire, que oferecem instrumentos conceituais para a leitura crítica das trajetórias relatadas. Por fim, a terceira dimensão é a interpretação da pesquisadora, que atua como mediadora entre o vivido e o teorizado, realizando uma leitura reflexiva e dialógica do material empírico.

Em síntese, esta pesquisa contribui com a educação, no sentido mais amplo, e na formulação de políticas públicas, ao trazer à tona as experiências concretas, as trajetórias e as vozes dos sujeitos que, muitas vezes, permanecem invisibilizados nos processos decisórios e nos discursos institucionais.

Como produto final resultante da pesquisa, foi confeccionado um ebook – guia prático – que reúne orientações sobre o autismo, destinado à comunidade escolar e aos órgãos governamentais, com o propósito de colaborar para a construção de práticas educativas inclusivas e o reconhecimento das singularidades das pessoas autistas.

Os resultados evidenciam que, embora o acesso à matrícula esteja formalmente assegurado pelas políticas públicas, a permanência escolar permanece comprometida pela ausência de acessibilidade ampla, inadequação metodológica, dificuldades

comunicacionais e sensoriais, somadas à insuficiência de recursos de tecnologia assistiva.

Os relatos também apontam que a escola, muitas vezes, reproduz processos de exclusão ao não reconhecer formas diversas de comunicação e aprendizagem. Conclui-se que a efetivação da educação inclusiva demanda reorganização institucional, que contemple a adequação dos espaços físicos, a formação docente fundamentada na escuta e a construção de práticas pedagógicas que reconheçam a diversidade como princípio constitutivo do processo educativo.

METODOLOGIA

A abordagem da pesquisa foi definida como qualitativa, pois visa o aprofundamento da compreensão da trajetória escolar de três (3) adultos, irmãos, com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e sua mãe, que participam da Associação TEAceito – Casa dos Autistas no Município de Cruz das Almas-BA.

O fenômeno estudado está em conformidade com a natureza da pesquisa, onde o fato social ocorre dentro da própria sociedade em que vivem os sujeitos. Trata-se da abordagem utilizada nas ciências humanas que vai lidar com sujeitos que não são escutados e que, na sua complexidade de um Ser Humano com Transtorno do Espectro Autista, há o pulsar de emoções, valores, motivações, crenças, subjetividades, ou seja, questões difíceis de quantificar.

A escolha pelo método de história de vida diz respeito à conexão entre a trajetória individual dos adultos com Transtorno do Espectro Autista e o meio social em que estão inseridos. Constitui-se, assim, em depoimentos aprofundados em que se busca reconstituir, por meio da escuta e do diálogo, a trajetória escolar desses sujeitos desde a sua infância até os dias atuais. É importante ressaltar que a fala da mãe foi usada de forma complementar para a análise, quando ela compartilha a trajetória de seus filhos, trazendo suas perspectivas em relação ao fato.

A seleção dos participantes da pesquisa foi orientada pelos seguintes critérios de inclusão: ter idade igual ou superior a 18 anos, ter frequentado alguma instituição escolar, manifestar adesão voluntária à pesquisa e formalizar o consentimento por meio

da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), respeitando todos os princípios éticos da Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), sob o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) nº 84753724.9.0000.0057, conforme Parecer Consubstanciado nº 7.322.221. As entrevistas foram iniciadas somente após a aprovação do projeto pelo referido Comitê, em observância aos princípios éticos que regulamentam as pesquisas envolvendo seres humanos.

Os arquivos de áudio foram transcritos de forma literal, preservando as falas em sua totalidade, evitando que informações se perdessem no processo. Após cumprida a sua finalidade, foram deletados.

Durante as entrevistas com os adultos “suporte nível 3”, não oralizados, a pesquisadora elaborou recursos de comunicação aumentativa e alternativa (CAA) com o objetivo de favorecer a interação, ampliar as possibilidades de expressão e estabelecer condições de comunicação que respeitassem as singularidades dos participantes e seus diferentes modos de produzir sentidos.

Figura 1 - Recursos de comunicação aumentativa e alternativa utilizados na pesquisa (CAA)



Fonte: Acervo próprio (2026).

Dentro dos princípios da metodologia história de vida, fizemos uso da triangulação como estratégia analítica no contexto da produção de dados, para dar conta da complexidade do objeto estudado.

A triangulação entre a voz do adulto autista e da sua mãe (experiência), a voz da teoria (interpretação conceitual) e a voz da pesquisadora (análise crítica) possibilitou

compreender as trajetórias escolares não como relatos isolados, mas como construções sociais, marcadas por lutas, resistências e processos de ressignificação.

REFERENCIAL TEÓRICO

Na pesquisa qualitativa que interpretamos os fenômenos e podemos atribuir significado dentro de um contexto, entendendo o processo do qual os sujeitos fazem parte nesse mundo. De modo semelhante, Bourdieu *et al.* (1997) destaca que as trajetórias pessoais revelam tensões entre história individual e condicionamentos sociais, contribuindo para a análise crítica das instituições. Se a lente de Bourdieu nos permite identificar as barreiras estruturais e os condicionamentos sociais que isolam o estudante com TEA, a pedagogia de Paulo Freire oferece o caminho para a superação dessas amarras.

Enquanto Bourdieu e Passeron (2010) denunciam a reprodução das desigualdades, Freire (1996) convoca à “Pedagogia da Autonomia”, onde o ato de ensinar exige o reconhecimento da identidade cultural e da subjetividade do estudante. No caso de jovens e adultos com autismo, essa autonomia deve ser mediada por recursos como a Comunicação Alternativa e Aumentativa (CAA) / Comunicação por sinais ou Tecnologias Assistivas, além dos simples recursos que fazem a diferença. Também, é importante pensar no espaço de autorregulação, reconhecendo que permanecer na escola também depende de encontrar um lugar possível para esses sujeitos respirarem, reorganizarem-se e voltar para a sala de aula. Para tanto, torna-se fundamental pensar esses estudantes com deficiência como pessoas com potencial, o que nos exige alargar o olhar para as suas formas de ser e estar no mundo.

A partir dessa perspectiva, a citação de Paulo Freire nos ensina e nos chama à reflexão: “O tempo que levamos dizendo que para haver alegria na escola é preciso primeiro mudar radicalmente o mundo é o tempo que perdemos para começar a inventar e a viver a alegria” (Freire – Prefácio, Snyders, 1993, p. 10). Sob essa perspectiva, vale esclarecer que a menção ao nível de suporte aqui citado serve apenas para o melhor entendimento do leitor, pois acreditamos que a inclusão deve ser para todas as pessoas, independentemente da posição no espectro autista em que o sujeito se encontra. Não podemos ficar presos ao nível de suporte, sem especificar quais habilidades desses

estudantes que estão comprometidas e, diante disso, identificar a demanda maior ou menor de suporte.

Todavia, a divisão entre os níveis de suporte não pode ser simplificada, podendo criar juízos de valor, porque, analisando socialmente e saindo do território médico, esse detalhe é muito mais subjetivo que um conjunto de protocolos: o espectro é complexo e repleto de nuances.

A análise da trajetória escolar desses sujeitos permitiu compreender tanto as dimensões estruturais da exclusão quanto o campo escolar, a violência simbólica e o reconhecimento/desigualdade, trazendo, também, a observação que revela práticas incorporadas e contextuais, demandando que a análise ultrapasse a superfície dos relatos para captar estruturas sociais invisíveis (Bourdieu, 1989). Ainda, tendo em vista o princípio do diálogo, escuta, humanização e produção de sentido como eixo metodológico (Freire, 1987), a entrevista com a mãe é reconhecida como relato legítimo, carregado de saberes situados que ampliam a compreensão da história de vida, trazendo para perto as possibilidades de emancipação, diálogo e conscientização.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As categorias analíticas foram sistematizadas a partir do que a entrevistada relatou sobre a trajetória de seus filhos, sendo organizadas inicialmente em eixos temáticos que serviram como dispositivos analíticos para a interpretação dos dados. Esses eixos não foram definidos a priori, uma vez que, na perspectiva da história de vida, o pesquisador não chega ao campo com categorias predefinidas, mas as constrói progressivamente a partir da escuta, da observação e do diálogo com o referencial teórico.

Desse modo, as categorias abaixo foram construídas no processo analítico que começou no sentido vivido, passando pela linguagem, pela instituição escolar e até chegar às mediações sociais e ao direito:

- Produção de Sentidos, Linguagem e Reconhecimento nas Trajetórias Escolares;
- Trajetórias Escolares e Barreiras Estruturais e Simbólicas;
- Redes Sociais de Suporte, Capital Relacional e Mediações no Direito à Educação.

Em diversos relatos, a escola aparece como um espaço ambivalente: ao mesmo tempo em que representa uma possibilidade de socialização e aprendizagem, pode reproduzir processos de exclusão simbólica quando falha em reconhecer as singularidades desses sujeitos com autismo.

A fala da mãe opera, assim, como um contraponto crítico às normativas institucionais que padronizam percursos e hierarquizam formas de aprender, revelando que o reconhecimento das diferenças não fragmenta a escola, mas a humaniza. Nesse sentido, as trajetórias escolares não podem ser compreendidas apenas como resultados individuais, mas como produções sociais que refletem o modo como a instituição acolhe – ou rejeita – a diversidade de corpos, linguagens e modos de existir.

Diz a mãe: *"A escola acabou expulsando eles."*

Evidencia-se, com isso, que a exclusão escolar nem sempre se manifesta por meio de atos formais ou explícitos. Trata-se, muitas vezes, de uma expulsão velada, na qual a escola cumpre a exigência legal da matrícula, mas não assegura as condições necessárias à permanência e à aprendizagem efetiva.

O Quadro 1, a seguir, sistematiza as principais barreiras estruturais e simbólicas identificadas na pesquisa, evidenciando como essas dimensões se articulam na produção de processos de exclusão e descontinuidade das trajetórias escolares.

Quadro 1 - Principais barreiras estruturais e simbólicas identificadas na pesquisa

DIMENSÕES	BARREIRAS ESTRUTURAIS	BARREIRAS SIMBÓLICAS
Regulação sensorial e ambiência escolar	Ausência de Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA); Inexistência de pranchas de comunicação; Falta de tecnologia assistiva; Inexistência de profissionais capacitados para uso desses recursos; Ausência de sala de regulação/acomodação sensorial ou sala de calmaria; inexistência de fones com cancelamento de ruído; abafadores; óculos escuros e outros dispositivos de redução de sobrecarga sensorial; ambientes ruidosos e visualmente sobrecarregados; Uso de sirene sonora intensa e abrupta como o marcador de tempo escolar; ausência de alternativas acessíveis (sinais visuais, vibração,	Deslegitimação da comunicação não oral; associação entre ausência de fala e ausência de pensamento; não reconhecimento da CAA como linguagem; Interpretação da sobrecarga sensorial como desregulação ou birra; deslegitimação das necessidades sensoriais; compreensão dos dispositivos como privilégio ou exceção. Naturalização do ruído como 'parte da escola'; culpabilização do estudante pela reação à sirene; leitura da resposta sensorial como descontrole.

	avisos graduais).	
Acesso ao Currículo	Currículo rígido e padronizado; ausência de adaptações; avaliação centrada exclusivamente na linguagem verbal e escrita.	Expectativas reduzidas de aprendizagem; leitura do estudante a partir do déficit; naturalização do fracasso escolar.
Participação e interação social	Organização escolar inflexível; tempos e espaços inadequados; ausência de mediação comunicacional.	Interpretação do isolamento como desinteresse; patologização das formas singulares de interação de interação.
Autonomia e segurança	Falta de recursos para comunicação de necessidades básicas (dor, desconforto, medo); inexistência de protocolos acessíveis.	Infantilização do sujeito; negação da capacidade de decisão; tutela excessiva.
Reconhecimento institucional	Inexistência de políticas efetivas de inclusão; descontinuidade de apoios; responsabilização da família.	Produção de estigmas; culpabilização do sujeito ou da família; normalização da exclusão.

Fonte: Elaborado pela autora (2026).

Na análise dos dados, as histórias de vida foram articuladas a dados secundários de fontes oficiais, especialmente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e do Mapa Autismo Brasil (MAB), utilizados como elementos de contextualização estrutural das experiências relatadas. Essa articulação possibilitou situar as trajetórias dos participantes em condições sociais mais amplas, sem que os dados secundários constituíssem categorias analíticas.

Como exemplo dessa contextualização, os dados do Censo Demográfico (IBGE, 2022) revelam que, no Brasil, 63,1% das pessoas com deficiência, com 25 anos ou mais, não tinham instrução ou não haviam concluído o ensino fundamental, enquanto entre as pessoas sem deficiência essa proporção era de 32,3%. Esses indicadores evidenciam desigualdades educacionais que contribuem para a compreensão do contexto social em que se inserem as histórias de vida dos participantes.

Nesse cenário, a Educação de Jovens e Adultos (EJA), embora represente uma possibilidade de retomada da escolarização para sujeitos marcados por interrupções e processos de exclusão escolar, também apresenta barreiras de acesso e permanência. Entre elas, destaca-se a oferta concentrada no turno noturno, que pode dificultar a participação de jovens e adultos com autismo, especialmente daqueles que necessitam de maiores níveis de suporte.

Essas questões apontam para a necessidade de avaliação contínua das políticas educacionais, considerando seus impactos, o monitoramento de sua implementação e as particularidades regionais. À luz das contribuições de Bourdieu, a educação pode ser compreendida como um campo de disputas de poder, no qual as políticas públicas são atravessadas por diferentes interesses. Nesse contexto, revela a tensão entre os direitos assegurados pela legislação inclusiva e sua efetivação nas práticas escolares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dar vez às vozes na escrita desta pesquisa permitiu que experiências silenciadas ecoassem, reunindo fragmentos de trajetórias escolares marcadas por dores, rejeições e incompreensões. Ao escutar e relatar essas histórias, foi possível juntar os cacos de percursos educativos interrompidos e produzir sentidos que ultrapassam a lógica do déficit, afirmando o reconhecimento desses sujeitos como protagonistas de suas próprias trajetórias. Mais do que um exercício analítico, esse movimento constituiu-se como gesto ético e político, ao inscrever no campo acadêmico vidas que historicamente permaneceram à margem das narrativas oficiais sobre a escolarização.

Assim, reafirmamos que o direito à educação se constrói também pelo tempo da escuta, pela memória e pela possibilidade de recompor, coletivamente, aquilo que foi fragmentado ao longo do percurso escolar, conferindo inteligibilidade às trajetórias analisadas. Ainda, salientamos a importância da articulação entre o reconhecimento, o enfrentamento das barreiras estruturais e simbólicas e o fortalecimento das redes de suporte, deslocando a inclusão do plano meramente discursivo para o campo das responsabilidades institucionais.

Palavras-chave: Autista, História de vida, Jovens e adultos, Trajetória escolar.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre *et al*. **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997.

BOURDIEU, Pierre. **O senso prático**. Petrópolis: Vozes, 1989.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução:** elementos para uma teoria do sistema de ensino. Petrópolis: Vozes, 2010.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 12 jan. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC, 2008. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducespecial.pdf. Acesso em: 12 jan. 2026.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Demográfico 2022 Pessoas com deficiência e pessoas diagnosticadas com transtorno do espectro autistA: Resultados preliminares da amostra. Rio de Janeiro, 2025. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/biblioteca/visualizacao/livros/liv102178.pdf. Acesso em: 12 jan. 2026.

MAPA AUTISMO BRASIL (MAB). **Relatório Nacional 2026 – MAB.** 2026. Disponível em: https://www.mapaautismobrasil.org.br/publicacoes/relatorio-nacional-2026. Acesso em: 18 jan. 2026.

SNYDERS, Georges. **Alunos felizes:** reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários. Tradução de Cátia A. Pereira da Silva. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.